

Polícia ouve vítimas do cloro

DF Ceilândia

Moradores da QNN 6 amanheceram o dia na 23ª Delegacia de Polícia, de Ceilândia. Eles foram contar o que aconteceu na noite do último dia 12, quando o sucateiro Edivaldo Pereira, 50 anos, abriu um cilindro de ferro e deixou escapar o gás cloro, intoxicando mais de 150 pessoas em toda vizinhança do conjunto O. Os vinte depoimentos foram os primeiros de um total de 40, necessários ao inquérito que está sendo conduzido pela Corregedoria de Polícia Civil.

Enquanto a vizinhança estava na delegacia, policiais civis passaram a manhã tentando localizar Edivaldo Pereira, que deveria ter se apresentado para depor na

tarde de terça-feira, mas não apareceu. Ele foi encontrado no final da tarde e ontem mesmo prestou depoimento na 23ª DP. O filho Ronaldo, de 20 anos, que também havia faltado, depôs ontem na delegacia, após ser localizado pelos agentes. Segundo o delegado, o depoimento de Ronaldo não acrescentou muito ao inquérito. O rapaz apenas teria contado como o pai abriu o cilindro de gás e reafirmou que ele não sabia da existência de gás tóxico dentro do recipiente.

A dona de casa Maria Rodrigues do Vale e o marido Odeon foram uns dos primeiros a chegar à 23ª DP. Acompanhados pelas sobrinhas Solange e Sueli Ro-

drigues, esperavam para contar o drama vivido naquela noite de quarta-feira, quando o gás tóxico se espalhou pelas ruas. "Usamos nossa D-20 para socorrer os vizinhos. Eram mais de vinte pessoas na carroceria, todas apavoradas", lembra Maria. Passados pouco mais de vinte dias do acidente, ela até hoje sente dores no peito e tem problemas para respirar.

O inquérito conduzido pela Corregedoria da Polícia Civil vai apontar o grau de responsabilidade de Edivaldo Pereira no incidente em Ceilândia. A questão é saber se o sucateiro tinha noção dos danos que poderia causar ao abrir um dos cilindros com cloro.